

Gideon Rachman

Vencedor do Prémio Orwell para Escrita Política



**A ERA DO
HOMEM
FORTE**

**Como o culto do líder
ameaça as democracias
em todo o mundo**

«Um livro poderoso.»

The Economist

v o g a i s

Índice

Introdução	7
1. Vladimir Putin: o arquétipo (2000)	37
2. Recep Tayyip Erdogan: de reformador liberal a homem-forte autoritário (2003)	57
3. Xi Jinping: a China e o regresso do culto da personalidade (2012)	73
4. Narendra Modi: a política de homem-forte na maior democracia do mundo (2014)	95
5. Viktor Orbán, Jaroslaw Kaczynski e a ascensão da Europa iliberal (2015)	115
6. Boris Johnson e a Grã-Bretanha do Brexit (2016)	133
7. Donald Trump: o homem-forte americano (2016)	153
8. Rodrigo Duterte e a erosão da democracia no Sudeste Asiático (2016)	171
9. A ascensão de Mohammed bin Salman e o fenómeno Netanyahu (2017)	187
10. Jair Bolsonaro, Andrés Manuel López Obrador e o regresso do caudilho latino-americano (2018)	205
11. Abiy Ahmed e a desilusão democrática em África (2019)	223

12.	Angela Merkel, Emmanuel Macron e a luta da Europa contra os homens-fortes (2020)	239
13.	George Soros, Steve Bannon e a batalha de ideias	253
	Epílogo: Joe Biden na Era do Homem-Forte	277
	Posfácio	299
	Agradecimentos	307
	Notas	309
	Índice onomástico	329

Introdução

Na primavera de 2018, a Casa Branca estava a preparar-se para uma cimeira entre Donald Trump e Kim Jong-un. No edifício do Old Executive Office, onde trabalham os funcionários da segurança nacional do presidente dos Estados Unidos, um dos assessores de Trump comentou comigo, com um sorriso algo envergonhado: «O presidente gosta de lidar cara a cara com líderes autoritários.»

Era evidente que o apreço de Trump por ditadores fazia estremecer até alguns dos seus funcionários. A opinião não verbalizada, que pairava no ar na Casa Branca, era que o próprio Trump tinha introduzido alguns dos hábitos de uma ditadura no centro da maior democracia do mundo. A retórica feroz, o apreço por desfiles militares, a tolerância em relação a conflitos de interesses e intolerância em relação a jornalistas e juizes são, todas elas, características do «estilo de homem-forte» na política — um estilo que, até há pouco tempo, se pensava ser alheio às democracias maduras do Ocidente.

Mas Trump estava em sintonia com os seus tempos. Desde 2000 que a ascensão do homem-forte se tornou uma característica central da política global. Em capitais tão diferentes como Moscovo, Pequim, Nova Deli, Ancara, Budapeste, Varsóvia, Manila, Riade e Brasília, «homens-fortes» (e, até à data, são todos homens) criados por si mesmos ascenderam ao poder.

Regra geral, estes líderes são nacionalistas e conservadores culturais, com pouca tolerância por minorias, contestação ou os interesses dos estrangeiros. A nível nacional, afirmam defender o homem comum contra as elites «globalistas». No estrangeiro,

posicionam-se como a personificação das suas nações. E, aonde quer que vão, incentivam o culto da personalidade.

A era do homem-forte começou muito antes de Trump conquistar a Casa Branca. Continuará a ser um tema central da política mundial na era pós-Trump. As duas superpotências emergentes do século XXI, a China e a Índia, tornaram-se presas da política do homem-forte. Embora atuem em regimes políticos muito diferentes, Xi Jinping e Narendra Modi conduziram os seus países para um estilo de liderança mais personalizado, que adota o nacionalismo, uma retórica de força e uma hostilidade feroz em relação ao liberalismo. As duas potências mais importantes nas fronteiras orientais da União Europeia, a Rússia e a Turquia, são governadas por homens-fortes. Tanto Vladimir Putin como Recep Tayyip Erdogan já estão no poder há quase 20 anos. O estilo de homem-forte infiltrou-se na própria União Europeia através da Hungria de Viktor Orbán e da Polónia de Jaroslaw Kaczynski. Na Grã-Bretanha, até Boris Johnson namoriscou com este estilo de política — nas suas atitudes em relação à lei, à diplomacia e à contestação no seio do seu próprio partido. Os dois maiores países da América Latina, o Brasil e o México, são governados atualmente por Jair Bolsonaro e Andrés Manuel López Obrador (popularmente conhecido como AMLO). Bolsonaro pertence à extrema-direita; AMLO, à esquerda populista. Mas ambos se enquadram no modelo de homem-forte, incentivando o culto da personalidade e o desprezo pelas instituições do Estado.

Este padrão internacional é subjacente a um dos temas centrais deste livro: o estilo de homem-forte não está limitado aos regimes autoritários. Também é comum em políticos eleitos em democracias. Um homem-forte a governar uma democracia, como Donald Trump, enfrenta condicionalismos institucionais que não inibem líderes como Xi Jinping ou Vladimir Putin. Mas os instintos de um Trump, um Duterte ou um Bolsonaro são desconcertantemente semelhantes aos dos homens-fortes da China e da Rússia.

A ascensão de homens-fortes em todo o mundo mudou de maneira decisiva a política mundial. Atualmente, estamos perante

o ataque global mais persistente aos valores democráticos liberais desde a década de 1930. Das ruínas da Segunda Guerra Mundial, a liberdade política espalhou-se pelo mundo durante aproximadamente 60 anos. Os progressos foram instáveis e as definições de democracia são imprecisas, mas o rumo geral era claro. Em 1945, havia apenas 12 democracias no mundo. Em 2002, esse número aumentara para 92, ultrapassando o número de autocracias pela primeira vez¹.

Desde então, o grupo de países formalmente definidos como sendo democracias manteve-se ligeiramente à frente dos regimes autocráticos. Mas instalou-se um processo de erosão democrática. A organização Freedom House, que elabora relatórios anuais sobre a liberdade política em todo o mundo, salientou que 2020 foi o 15.º ano consecutivo de declínio a nível da liberdade global. Depois do aumento das liberdades civis e políticas no pós-Guerra Fria, em 2005 a maré mudou. Desde então, todos os anos o número de países onde a liberdade diminuiu tem sido superior ao dos países que têm visto um aumento das liberdades políticas e civis. Como a Freedom House indicou: «A longa recessão democrática está a aumentar.»² A ascensão de homens-fortes tem sido central para este processo. Isso deve-se ao facto de o estilo político do homem-forte pôr os instintos do líder acima da lei e das instituições.

Os homens-fortes da atualidade atuam num ambiente político global que é muito diferente do dos ditadores da década de 1930. As guerras entre grandes potências já não são comuns. A globalização transformou a economia mundial. A disseminação do direito internacional criou novas expectativas sobre como os líderes internacionais se comportam. Mas as tecnologias do século XXI também proporcionam aos homens-fortes novas maneiras de comunicar diretamente com as massas, bem como perigosas novas ferramentas de controlo social — em especial a capacidade de monitorizar os movimentos e o comportamento dos cidadãos. Quando estas ferramentas são utilizadas, podem fortalecer a viragem do século XXI para o autoritarismo.

Joe Biden fez da promoção global da democracia um objetivo essencial da sua presidência. Mas Biden ascendeu ao poder em plena era do homem-forte. Atualmente, os líderes populistas e autoritários moldam a direção da política mundial. Estão a aproveitar uma vaga de nacionalismo e conflito cultural e territorial ressurgentes que pode ser demasiado poderosa para ser repelida pela reafirmação dos valores liberais e da liderança americana feita por Biden.

Mesmo nos Estados Unidos, a vitória de Biden não virou definitivamente a página da política do homem-forte. Donald Trump teve resultados suficientemente bons nas eleições presidenciais de 2020 para suscitar imediatamente boatos de que voltaria a candidatar-se à presidência em 2024. Mesmo que se afaste da política de linha da frente, é provável que os futuros candidatos republicanos utilizem a fórmula política que Trump identificou.

É frequente os nacionalistas chineses retratarem Biden como um líder envelhecido e fraco, que preside a uma América que está perante um declínio irreversível. Em contrapartida, a China retrata-se como uma potência emergente, dirigida por um líder forte e vigoroso. Na ordem mundial emergente, o presidente da China pode em breve contestar o título habitualmente atribuído ao presidente dos Estados Unidos — o «homem mais poderoso do mundo».

O desafio essencial para Biden, enquanto presidente, será demonstrar a vitalidade da democracia liberal tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro. Se não o fizer, a sua presidência poderá ser apenas um interlúdio na era do homem-forte.

Para ganharem a batalha com a política do homem-forte, os liberais políticos têm de compreender aquilo com que estão a lidar. Este livro irá tentar responder a três perguntas centrais sobre a era do homem-forte. Quando é que a tendência do homem-forte ganhou tração? Quais são as suas principais características? E porque aconteceu?

* * *

No dia 31 de dezembro de 1999, Vladimir Putin subiu ao poder na Rússia. Viria a tornar-se um símbolo importante e até uma inspiração para uma nova geração de aspirantes a autoritários que admiram o seu nacionalismo, audácia, predisposição para recorrer à violência e desprezo pelo «politicamente correto».

No entanto, nos primeiros anos no poder, Putin estava ansioso por ser considerado um parceiro fiável numa ordem mundial estabelecida. Quando Bill Clinton se reuniu com Putin no Kremlin, em junho de 2000, o presidente dos Estados Unidos declarou que o seu homólogo russo era «plenamente capaz de criar uma Rússia próspera e forte, enquanto preservava, simultaneamente, a liberdade, o pluralismo e o Estado de direito»³. Na sua primeira reunião com George W. Bush, em 2001, Putin impressionou o presidente dos Estados Unidos, que afirmou: «Tivemos um excelente diálogo. Fiquei com uma noção da sua alma.»

Putin apenas surgiu verdadeiramente como inimigo da ordem liderada pelos Estados Unidos em 2007, com um discurso em que denunciava a América, em Munique, a que se seguiu o ataque militar da Rússia à vizinha Geórgia, em 2008. Daí em diante, o estilo político bombástico e agressivo de Putin parecia anómalo quando comparado com o pragmatismo cauteloso de outros importantes líderes mundiais desse período: Barack Obama nos Estados Unidos, Angela Merkel na Alemanha e Hu Jintao na China. Merkel desvalorizou Putin como um líder que utilizava meios do século XIX para resolver problemas do século XXI⁴. Mas, ao invés de ser um anacronismo, Putin era um presságio do que viria a acontecer. Simbolicamente, ascendera ao poder na alvorada do século XXI.

Em 2003, três anos depois de Putin ascender ao poder na Rússia, Recep Tayyip Erdogan tornou-se primeiro-ministro da Turquia. Tal como com Putin, a adoção do estilo de homem-forte por parte de Erdogan demorou algum tempo a emergir. Tendo sido inicialmente aclamado no Ocidente como um reformador liberal, Erdogan tornou-se crescentemente autocrático ao longo de duas décadas no poder — mandando prender jornalistas e rivais políticos, fazendo

purgas no exército, nos tribunais e na função pública, construindo um enorme palácio em Ancara, e adotando uma visão do mundo paranoica e conspirativa.

Tanto a Rússia como a Turquia são países grandes, com economias suficientemente fortes para se candidatarem a membros do G20. Mas já não são superpotências. Consequentemente, o momento em que a era do homem-forte se tornou verdadeiramente entrincheirada enquanto fenómeno global é mais bem assinalado como sendo o ano de 2012: o ano em que Xi Jinping ascendeu ao poder na China.

Nas décadas que se seguiram à morte de Mao Tsé-Tung, em 1976, o Partido Comunista Chinês enveredara cuidadosamente por um estilo de liderança mais coletivo. No entanto, embora hoje a China seja um país irreconhecivelmente mais rico e mais sofisticado do que na era de Mao, o presidente Xi Jinping sente uma clara nostalgia por alguns dos temas maoístas da sua juventude. Sob a sua liderança, a máquina de propaganda do partido começou a criar um culto da personalidade em volta de «Xi dada» (o tio Xi). A deslocação para a liderança de homem-forte foi cimentada quando os limites dos mandatos presidenciais foram abolidos em 2018 — permitindo, potencialmente, que Xi Jinping governe até morrer.

A outra superpotência emergente da Ásia, a Índia, seguiu um percurso semelhante em 2014, com a eleição de Narendra Modi, líder do partido nacionalista hindu BJP. Enquanto líder da oposição, Modi fora suficientemente controverso para ser proibido de entrar nos Estados Unidos devido a preocupações sobre o seu papel num *pogrom* antimuçulmano no seu estado natal de Gujarat em 2002. Enquanto líder da Índia, posicionou-se como o homem que enfrentaria os inimigos da nação, tanto no país como no estrangeiro. A sua predisposição para bombardear alegadas bases terroristas no Paquistão, em 2019, entusiasmou muitos indianos e preparou o palco para uma campanha de reeleição de sucesso, na qual Modi garantiu aos eleitores: «Quando votam no Lótus [o símbolo do partido de Modi], não estão a premir um botão, estão a premir o gatilho para abater terroristas.»

Em 2015, o estilo de homem-forte também teve um avanço importante no seio da União Europeia, que se autoapelida de clube de democracias liberais. Nesse ano, Viktor Orbán, o primeiro-ministro crescentemente autoritário da Hungria, tonou-se herói da direita populista do Ocidente ao liderar a campanha para travar a entrada de refugiados e migrantes do Médio Oriente. Nesse mesmo ano, o Lei e Justiça, um partido populista de direita liderado por Jaroslaw Kaczynski, ganhou as eleições presidenciais e legislativas na Polónia.

A crise de migração da Europa também serviu de cenário para o referendo do Brexit na Grã-Bretanha, em junho de 2016. A campanha «Leave», liderada por Boris Johnson, aproveitou-se do medo da imigração de muçulmanos, afirmando falsamente que a Turquia estava preparada para aderir à União Europeia e que inundaria a Grã-Bretanha com novos migrantes. O lema escolhido pela «Vote Leave», «Take Back Control» (recuperar o controlo), foi uma maneira poderosa de ganhar votos que levou a campanha a uma vitória surpresa. Steve Bannon, o diretor de campanha de Trump em 2016, afirmou posteriormente que o momento em que percebeu que Trump ganharia a presidência foi quando a Grã-Bretanha votou a favor do Brexit.

Em consequência, quando Trump efetivamente ganhou a Casa Branca em novembro de 2016, era — de certa maneira — apenas parte de uma tendência global consagrada. Mas o poder económico e cultural singular dos Estados Unidos significava que a ascensão de Trump mudava o ambiente da política global, fortalecendo e legitimando o estilo de homem-forte, e dando origem a uma vaga de líderes que o imitavam.

A primeira visita de Trump ao estrangeiro enquanto presidente foi à Arábia Saudita, em maio de 2017. Nesse mesmo ano, o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman tornou-se o líder de facto desse país — a mais rica e mais poderosa das nações árabes. O novo líder criou rapidamente um perfil global sem precedentes na reservada e introvertida família real saudita. Tendo ficado conhecido como MBS, foi aclamado por alguns no Ocidente como

sendo precisamente o tipo de reformista autoritário de que a Arábia Saudita precisava — até que o homicídio e desmembramento de Jamal Khashoggi, um jornalista dissidente, chocou os fãs ocidentais do príncipe herdeiro. Quando Mohammed bin Salman foi abraçado por um sorridente Vladimir Putin na cimeira seguinte do G20, a imagem pareceu resumir a iniquidade e a impunidade da era do homem-forte.

O Brasil, o maior país da América Latina, caiu no engodo da política do homem-forte em 2018, com a eleição de Jair Bolsonaro. O «Trump dos trópicos» emergiu de uma carreira passada nas franjas obscuras da política de direita e ganhou as eleições presidenciais, depois de adotar muitos dos temas e lemas do trumpismo — denunciando o «politicamente correto», o «globalismo», as redes sociais de «*fake news*» e as ONG ambientais, ao mesmo tempo que abraçava os proprietários de armas, os evangélicos, os latifundiários e o Estado de Israel.

Em 2018, a África parecia oferecer algum alívio na marcha em frente da política do homem-forte. Abiy Ahmed, o novo líder da Etiópia — o segundo país mais populoso do continente — despertara a atenção internacional ao libertar prisioneiros políticos e pôr fim a uma longa guerra com a Eritreia. Foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz em 2019. No entanto, no ano seguinte, o líder etíope lançou uma campanha militar contra os rebeldes da província do Tigré, que provocou milhares de mortes e alegações de crimes de guerra. O *volte-face* de Abiy deu origem a temores de que pudesse ser o mais recente líder mundial a ser aclamado no Ocidente como reformador liberal, para depois se tornar um homem-forte autocrata.

Esta tendência dos comentadores ocidentais para confundirem inicialmente os homens-fortes com reformadores liberais é quase um padrão. Quando Erdogan ascendeu ao poder na Turquia, foi descrito no jornal *The New York Times* como «um político islâmico que privilegia o pluralismo democrático»⁵. Numa veia semelhante, Nicholas Kristof, colunista do *The New York Times*, previu em 2013 que Xi Jinping «promoveria a ressurgência da reforma económica e, provavelmente, também um certo desanuviamento político».

Expressou a esperança de que, sob a governação de Xi Jinping «o corpo de Mao Tsé-Tung seja retirado da Praça de Tiananmen»⁶. Dois anos depois, Thomas Friedman, outro influente colunista do *The New York Times*, retratou o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman como um turbilhão de reforma, «empenhado na missão de transformar a maneira como a Arábia Saudita tem sido governada»⁷. Em 2017, à medida que as queixas relativas a abusos de direitos humanos por parte de Mohammed bin Salman aumentavam, Friedman pareceu menosprezar essas objeções, escrevendo que «a perfeição não consta do menu neste país. Alguém tem de fazer este trabalho — catapultar a Arábia Saudita para o século XXI»⁸.

E temos também o colunista britânico que aplaudiu a ascensão ao poder de Narendra Modi, em 2014, com um artigo intitulado «A Índia precisa de um abanão, e Modi é um risco que vale a pena correr». Quem foi esse colunista? Na verdade, fui eu. Também descrevi a ascensão do líder indiano, de humilde vendedor de chá a líder do país, como «entusiasmante»⁹. Hoje, depois de ter testemunhado a atitude arrogante de Modi em relação aos direitos civis, escolheria uma palavra diferente.

Olhando para trás, para este catálogo de previsões ingénuas e de esperanças destruídas, é interessante perguntar por que motivo os comentadores ocidentais continuaram a enganar-se. Em retrospectiva, creio que foi um misto de excesso de confiança no poder das ideias políticas e económicas liberais que surgiram da «vitória» na Guerra Fria e de desejos ilusórios. Em resultado disso, os formadores de opiniões ocidentais demoraram a aperceber-se de que a vaga global estava a virar-se contra o liberalismo. No entanto, em 2020, uma geração depois de Putin ascender ao poder, era difícil ignorar o que estava a acontecer. Valores liberais como a liberdade de expressão, a independência dos tribunais e os direitos das minorias estavam a ser atacados em todo o mundo¹⁰.

Esta tendência sombria dá azo a mais duas perguntas: o que é a política do homem-forte e por que motivo está em ascensão?

* * *

O argumento de que atualmente vivemos numa era do homem-forte está aberto a uma objeção evidente: é possível comparar líderes democraticamente eleitos, como Trump ou Modi, com autocratas que não foram eleitos, como Xi Jinping ou Mohammed bin Salman?

Este tipo de comparações tem de ser feito com cuidado e com sentido de proporção, mas penso que são válidas — e, na verdade, essenciais. Os homens-fortes referidos neste livro são parte de um *continuum*. Num dos extremos, estão os autocratas incontestados, como os líderes da China e da Arábia Saudita. Depois, há figuras intermédias, como Putin e Erdogan. Estão sujeitos a alguns dos condicionalismos de uma democracia, como as eleições e a liberdade de imprensa limitada, mas também podem mandar prender os adversários e governar durante décadas. Seguidamente, há os políticos que atuam em democracias, mas que mostram desprezo pelas normas democráticas e que parecem decididos a erodi-las: Trump, Orbán, Modi e Bolsonaro estão no extremo deste espectro.

No entanto, este livro não se destina a ser um guia dos ditadores do mundo. Embora refira homens-fortes como Donald Trump e Benjamin Netanyahu, excluí um tirano como Kim Jong-un e outros líderes criminosos, como Alexander Lukashenko, da Bielorrússia, ou Hun Sen, do Camboja. Este livro descreve a ascensão de uma nova geração e um tipo de líderes nacionalistas e populistas, ligados pelo seu desprezo pelo liberalismo e pela adoção de novos métodos de governação autoritária. Desde o início do século XXI que o fenómeno do homem-forte ganhou tração em quase todos os principais centros de poder do mundo: Estados Unidos, China, Rússia, Índia, União Europeia e América Latina. Comparativamente, Hun Sen e Lukashenko controlam pequenos Estados e já estavam no poder na década de 1990; a dinastia Kim governa a Coreia do Norte desde 1948. Estes três líderes têm, todos eles, características de homem-forte, mas não são essenciais para a mudança no ambiente da política global ao longo dos últimos 20 anos.

Alguns leitores britânicos estranharão a inclusão de Boris Johnson na lista de homens-fortes. Os apoiantes do primeiro-ministro e do Brexit poderão considerar que isso é uma calúnia

infundada. Porém, quando Boris Johnson finalmente concretizou a sua ambição de ser primeiro-ministro, em 2019, vendeu-se a si mesmo como homem-forte: alguém suficientemente tenaz para conseguir o Brexit por quaisquer meios. Quando era deputado, Boris Johnson referiu a abordagem de Donald Trump à diplomacia como um modelo para lidar com a União Europeia. Enquanto primeiro-ministro, tomou medidas que Theresa May, a sua antecessora, evitara tomar, como a expulsão de membros seniores do seu partido e a suspensão do Parlamento, um ato que foi imediatamente decretado ilegal. Donald Trump afirmou ter afinidades com Boris Johnson, chamando-lhe «o Trump da Grã-Bretanha», e Joe Biden concordou, afirmando que Boris Johnson era um «clone físico e emocional» de Trump¹¹. O Brexit, a causa defendida por Boris Johnson, foi um momento essencial na reação contra o liberalismo global.

Um dos motivos de preocupação em relação aos homens-fortes eleitos democraticamente é precisamente o facto de o seu comportamento e retórica serem tão semelhantes ao comportamento dos autocratas. É extraordinário que pessoas que têm experiência com regimes verdadeiramente autocráticos tenham estado entre as primeiras a fazer soar o alarme em relação a Donald Trump. Em particular, os exilados russos, Garry Kasparov e Masha Gessen, foram muito claros em relação ao modo como o comportamento de Trump fazia lembrar o de Putin^{*12}. Mas os Estados Unidos não foram a única aberração no mundo democrático. Outros regimes políticos que deveriam basear-se nas instituições, nas leis e nos partidos políticos começaram a gerar homem-fortes como Modi, Bolsonaro e Duterte.

Também houve uma transição para o modelo de homem-forte em países que já eram autoritários. A China e a Arábia Saudita nunca foram democracias, mas, antes de Xi Jinping e de Mohammed bin Salman, a liderança era mais coletiva, agrupada em torno do Partido

* Em contrapartida, durante a Guerra Fria, regra geral os dissidentes soviéticos menosprezavam os liberais ocidentais que afirmavam ver paralelos entre a União Soviética e os EUA. [N. A.]

Comunista e da família real saudita. No entanto, nos últimos anos, ambas as nações mudaram para um estilo de governação mais personalizado.

Em resultado deste movimento internacional para a política personalizada, tornou-se mais difícil manter uma fronteira clara entre os mundos autoritário e democrático. Tradicionalmente, os presidentes dos Estados Unidos faziam uma clara distinção entre o «mundo livre» (liderado pelos Estados Unidos) e os países não democráticos. Mas Donald Trump menosprezou esta diferença. Quando lhe foi dito, em 2015, que o presidente Putin (que Trump acabara de elogiar) mandara assassinar jornalistas e adversários políticos, Trump respondeu: «Creio que o nosso país também assassina muita gente.»¹³ Enquanto presidente, disse a Bob Woodward: «Dou-me muito bem com Erdogan [...] Quanto mais duros e vis são, melhor me dou com eles.»

Ao invés de defender a liberdade de imprensa como parte essencial de uma sociedade livre, Trump passou o tempo a acusar os *media* de *fake news*. E, ao invés de elogiar a independência dos tribunais e as eleições livres na América, Trump acusou os juízes de serem tendenciosos quando proferiram sentenças que não lhe eram favoráveis e tentou anular o resultado das eleições presidenciais de 2020, alegando fraude. O comportamento e a linguagem de Trump foram adotados por outros líderes de países democráticos. Tanto Netanyahu em Israel como Bolsonaro no Brasil se queixaram de *fake news* e de um «Estado profundo» a trabalhar contra eles. Quando Netanyahu perdeu o poder em 2021, fez alegações semelhantes às de Trump, afirmando ter sido vítima da «maior fraude eleitoral [...] na história de qualquer democracia».

Esta eliminação de uma fronteira clara entre a liderança nos regimes democráticos e nos autoritários tem sido um dos principais objetivos dos líderes autoritários há décadas. No início do longo reinado de Vladimir Putin na Rússia, encontrei-me com o seu porta-voz, Dmitry Peskov, no Kremlin. Quando lhe fiz perguntas sobre alguns dos recentes atos repressivos de Putin, Peskov sorriu e respondeu: «Todos os nossos regimes são imperfeitos.»

O discurso de Trump parecia confirmar esta posição de longa data da Rússia e da China. Eis um presidente americano disposto a dizer: também mentimos, também assassinamos, os nossos meios de comunicação são falsos, as nossas eleições são manipuladas, os nossos tribunais são desonestos. Como o historiador Rana Mitter, especializado na História da China, afirma: «O discurso antiliberal é útil para a China porque torna mais fácil sugerir que não há uma diferença fundamental entre um Estado autoritário e um Estado democrático [...] é uma questão de grau e não de tipo.»¹⁴

* * *

Os homens-fortes retratados neste livro não são «todos iguais». Mas são semelhantes. E essas semelhanças são importantes e esclarecedoras. Há quatro características transversais que são comuns ao estilo de homem-forte: a criação de um culto da personalidade; o desprezo pelo Estado de direito; a afirmação de que representam o povo real contra as elites (também chamado de populismo); e a política movida pelo medo e pelo nacionalismo.

Os homens-fortes querem ser considerados indispensáveis. O seu objetivo é convencer as pessoas de que só eles podem salvar a nação. «Só eu posso resolver isto», disse Trump aos americanos. A distinção entre Estado e líder é desgastada, fazendo com que a substituição do homem-forte por um mero mortal pareça perigosa e inconcebível. Idealmente, serão admirados não só pela sua força, mas também pela sua moralidade e intelecto.

Uma vez mais, trata-se de uma característica que abrange autocracias e democracias. Na China, Xi Jinping fez grandes avanços no que respeita a restaurar o culto da personalidade a que se assistiu pela última vez com Mao Tsé-Tung. O «pensamento de Xi Jinping» foi integrado na Constituição da China, uma distinção previamente reservada a Mao. Os limites de mandatos presidenciais foram abolidos, permitindo potencialmente que Xi Jinping governe até morrer. Em Xangai, em 2020, foi-me mostrado um mural de Xi Jinping, com raios de sol a saírem da cabeça dele.

É mais fácil insistir neste tipo de idolatria numa ditadura. Mas o culto da personalidade também se infiltrou nos mundos semidemocráticos e democráticos. Na Índia, as campanhas eleitorais do BJP centraram-se em Modi e nas suas alegações de sabedoria, força e moralidade pessoal. Como Ramachandra Guha, um dos principais historiadores da Índia, afirmou: «Desde maio de 2014, os vastos recursos do Estado têm sido dedicados a tornar o primeiro-ministro o rosto de todos os programas, de todas as publicidades, de todos os cartazes. Modi é a Índia, a Índia é Modi.»¹⁵

Na Rússia e na Turquia, Putin e Erdogan também incentivaram a ideia de terem uma relação única com as pessoas comuns. Em ambos os países, foram aprovadas revisões constitucionais que permitem que ambos permaneçam no poder durante décadas — potencialmente até à morte. Noutros países, primeiros-ministros nacionalistas, como Shinzo Abe no Japão e Benjamin Netanyahu em Israel, fixaram novos recordes de longevidade no poder. Nos Estados Unidos, Donald Trump deleitou-se a perturbar os seus adversários, afirmando «jocosamente» que prolongaria o mandato por mais de oito anos. Em que medida o Partido Republicano sucumbira ao culto da personalidade foi revelado em 2020, quando a plataforma do partido para as eleições presidenciais foi reduzida à simples afirmação de que «O Partido Republicano apoia e continuará a apoiar entusiasticamente o programa “America First” do presidente».

Outro aspeto comum do culto da personalidade é a fusão dos interesses do homem-forte e dos do Estado. É muito comum que sejam nomeados familiares do líder para posições importantes do governo. Erdogan nomeou o genro, Berat Albayrak, para ministro das Finanças — antes de se desentenderem. Trump deu ao genro, Jared Kushner, um papel essencial na diplomacia dos Estados Unidos e na política interna. No Brasil, Jair Bolsonaro usou os três filhos, Flávio, Eduardo e Carlos, como seus substitutos e porta-vozes e nomeou Eduardo para embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Nas Filipinas, a candidata preferida de Duterte para o substituir na presidência era a filha, Sara — possivelmente com

Duterte a assumir o cargo de vice-presidente. Na Grã-Bretanha, Boris Johnson nomeou o irmão, Jo, para o governo e, posteriormente, para a Câmara dos Lordes.

Regra geral, os homens-fortes também acreditam que as instituições e a justiça constituem entraves ao que precisa de ser feito. Uma vez mais, trata-se de uma tendência comum a democracias e autocracias — embora funcione de maneira diferente em função do contexto político. Antes de Xi Jinping ascender ao poder, os pensadores liberais da China fizeram pressão para que os tribunais chineses tivessem alguma independência da governação do Partido Comunista. Xi Jinping rejeitou a ideia e reafirmou o domínio do partido por ele liderado, argumentando: «Nunca devemos seguir o exemplo do “constitucionalismo”, da “divisão de poderes” ou da “independência do poder judicial” ocidentais.»¹⁶

No Ocidente, a independência do poder judicial tem sido, com frequência, o primeiro alvo da nova geração de homens-fortes. Uma das primeiras medidas dos governos húngaro e polaco, liderados por Viktor Orbán e Jaroslaw Kaczynski, foi alterar a Constituição dos seus países para colocarem os tribunais sob o seu controlo. No Reino Unido, quando o Supremo Tribunal da Grã-Bretanha se pronunciou contra o governo em questões importantes relativas ao Brexit, os seus juizes foram denunciados no jornal *The Daily Mail* como «inimigos do povo». Nos Estados Unidos, Donald Trump afirmou: «Quando alguém é presidente dos Estados Unidos, a sua autoridade é total.»¹⁷

Para um homem-forte, a lei não é algo a cumprir: é uma arma política para ser usada contra os adversários. Lavrenti Beria, o chefe da polícia secreta de Estaline, foi quem o disse melhor, quando afirmou: «Tragam-me o homem e encontrarei o crime.» A prisão de adversários políticos é prática comum. Um sinal precoce de que a Rússia de Vladimir Putin se tinha tornado uma autocracia aconteceu em 2005, quando ele mandou julgar e prender o problemático oligarca Mikhail Khodorkovsky. O padrão manteve-se, mais recentemente com a prisão do líder da oposição, Alexei Navalny, em 2021. Depois de ascender ao poder, Xi Jinping iniciou

rapidamente uma campanha anticorrupção na China, que levou à detenção e à prisão de mais de um milhão de pessoas. A sua resposta à oposição em Hong Kong foi mandar prender os líderes do movimento pró-democracia. Nas Filipinas, a senadora Leila de Lima, que investigara o envolvimento de Rodrigo Duterte com os esquadrões de morte, foi detida e presa com base em falsas acusações de posse de droga. Na Arábia Saudita, Mohammed bin Salman utilizou uma motivação anticorrupção para aterrorizar e extorquir grande parte da elite do país, que (à boa maneira saudita) foi detida no hotel Ritz-Carlton e obrigada a entregar parte da sua riqueza. Trump não tinha estes poderes arbitrários, mas era evidente que ansiava por eles. Nas eleições presidenciais de 2016, Trump e os seus apoiantes gritaram cânticos em que diziam «Prendam-na», referindo-se a Hillary Clinton.

Um longo período no poder dá aos homens-fortes a capacidade de nomearem lealistas para os tribunais, como Trump tentou fazer. Nas Filipinas, Duterte recheou o Supremo Tribunal de juizes favoráveis. E na Turquia mais de quatro mil juizes foram alvo de uma purga depois de Erdogan ter declarado o estado de emergência em 2016.

Os tribunais são a instituição mais importante que um homem-forte pode controlar. No entanto, a maioria dos homens-fortes é impaciente com quaisquer instituições independentes que possam controlar ou desafiar a sua autoridade. Os meios de comunicação social são um alvo frequente. O mesmo acontece com as instituições do Estado, como os serviços secretos ou os bancos centrais. Poucos meses depois de subir ao poder em 2019, AMLO despediu os diretores de muitas das agências reguladoras do México.

Depois de os tribunais serem desafiados, é um passo relativamente curto até a própria democracia eleita ser desafiada. A natureza antidemocrática da política de Trump tornou-se evidente quando tentou anular o resultado das eleições presidenciais de 2020. A rejeição da democracia é implícita à lógica da política do homem-forte. Como Erdogan afirmou: «A democracia é como um autocarro que apanhamos até chegar ao destino.»¹⁸

Os homens-fortes desprezam as instituições, mas adoram «o povo». Regra geral, afirmam compreender e simpatizar intuitivamente com as pessoas comuns. É por isso que o fenómeno do homem-forte está estreitamente ligado ao populismo — um estilo de política que despreza as elites e os especialistas, e que venera a sabedoria e os instintos das pessoas comuns.

Por seu lado, o populismo está estreitamente ligado a um estilo de argumentação política designado por «simplismo»¹⁹. Trata-se da ideia de que há soluções simples para problemas complexos, que são frustradas por forças nefastas. Por vezes, estas soluções são tão simples que podem ser resumidas em apenas três palavras — «Façam o Brexit» ou «Construam o muro». Dado que é suposto as soluções para problemas complexos serem evidentes, é frequente aqueles que frustram essas soluções simples serem considerados estúpidos ou vis. E quando as soluções simples se deparam com dificuldades, o homem-forte promete eliminar os impedimentos legais para garantir o cumprimento da vontade do povo.

É frequente os homens-fortes afirmarem que a lei e as instituições do Estado não são apenas obstáculos ao que tem de ser feito: na sua opinião, a ofuscação legal é uma ferramenta deliberada utilizada por elites sombrias. É necessário um homem-forte para eliminar estes argumentos e obstáculos, e para frustrar as conspirações deste «Estado profundo», que Boris Johnson certa vez caracterizou como «as pessoas que realmente governam o país». Na opinião de Boris Johnson, o «Estado profundo» britânico estava a conspirar para impedir o Brexit²⁰. O «Estado profundo» é um conceito que já era familiar na Turquia há décadas, antes de ter sido adotado por Trump e, posteriormente, por Bolsonaro, Netanyahu e outros.

Estrangeiros sinistros que se afirma conspirarem contra a nação são outro alvo preferido. Na China de Xi Jinping, é frequente os meios de comunicação social alertarem os cidadãos para se protegerem de conspirações ocidentais que visam dividir o país. Fora da China, muitos homens-fortes escolheram a mesma figura de «bicho-papão» como alegado manipulador, que trabalha em nome

de elites globalistas contra as pessoas comuns. Como veremos, o financeiro George Soros teve a honra de ser denunciado por Vladimir Putin, Donald Trump, Recep Tayyip Erdogan, Viktor Orbán e Jair Bolsonaro. Com frequência, a alegação de lutar em prol das pessoas comuns e contra a elite globalista é surpreendentemente fácil de aliar a uma enorme riqueza crescente. Muitos dos homens-fortes populistas — incluindo Putin, Orbán e Erdogan — utilizaram o seu poder político para enriquecer, ou para enriquecer os familiares e amigos.

Também é comum os homens-fortes defenderem opiniões tradicionais em relação à família, à sexualidade e ao gênero. Desprezam o «politicamente correto» dos políticos liberais, que, muitas vezes, são mulheres, como Angela Merkel, na Alemanha, ou Jacinda Ardern, na Nova Zelândia.

É frequente as bases políticas dos homens-fortes serem surpreendentemente semelhantes. Em país após país, fizeram campanha contra as elites urbanas e apelaram às pessoas que vivem em pequenas cidades e no campo. Nos Estados Unidos, Trump perdeu em quase todas as grandes cidades da América, tanto em 2016 como em 2020. Também dividiu o eleitorado americano em termos de nível de escolaridade, tendo perdido fortemente entre pessoas com um curso universitário, mas ganhando quase 80 por cento dos votos de homens brancos sem educação universitária. Não é de espantar que, em 2016, tenha afirmado: «Adoro as pessoas com pouca instrução.»

Este padrão mantém-se fora dos Estados Unidos. No Reino Unido, 73 por cento daqueles que abandonaram a escola sem obter quaisquer qualificações votaram a favor do Brexit; 75 por cento das pessoas com cursos superiores votaram a favor da permanência. Nas Filipinas, Rodrigo Duterte fez campanha contra a «Manila imperial» e a sua elite liberal. Em França, Emmanuel Macron ganhou na região central de Paris em 2017, enquanto os populistas prosperaram nas regiões do país «deixadas para trás». Na Hungria e na Polónia, a deriva para o autoritarismo deparou-se com enormes manifestações contra o governo nas cidades capitais

de Budapeste e Varsóvia, enquanto Orbán e Kaczynski contaram com a lealdade de pequenas cidades e das zonas rurais.

Analisando estes padrões, é muito fácil os liberais urbanos concluírem que o apoio a políticas populistas e à liderança de homem-forte pode ser justificado por falta de escolaridade ou até estupidez. Contudo, nas economias ocidentais, é mais provável que as «pessoas com pouca escolaridade» tenham sofrido com a estagnação de salários e o declínio do nível de vida nas últimas décadas. Nessas circunstâncias, é muito tentador optar por um candidato antirregime. A tentação torna-se ainda maior quando um homem-forte promete trazer de volta os bons velhos tempos e tornar a América (ou a Rússia ou a Grã-Bretanha) «grande novamente». Isto leva-nos ao último elemento da política de homem-forte — o nacionalismo nostálgico.

Quase todos os homens-fortes utilizam variantes locais da famosa promessa de Donald Trump. A conversa de Xi Jinping sobre um «grande rejuvenescimento do povo chinês» é, essencialmente, uma promessa de tornar a China grande novamente — devolvendo a nação à sua legítima posição de «Reino do Meio». Os líderes chinês e americano não são os únicos a acenar com a perspectiva da restauração da grandeza nacional. Vladimir Putin descreveu o colapso da União Soviética como uma catástrofe e considerou a restauração da Rússia como potência global essencial para a sua governação. Shinzo Abe citou a Restauração Meiji do século XIX, que tornou o Japão a principal potência da Ásia, como fonte de inspiração. Na Índia, Narendra Modi lidera um movimento nacionalista que apela ao orgulho hindu num passado glorioso e, por vezes, mitificado, anterior aos impérios britânico e mogol. Na Hungria, Viktor Orbán falou em reconquistar um dia os territórios que a Hungria perdeu depois da Primeira Guerra Mundial. Na Turquia, Erdogan procura inspiração nas glórias do Império Otomano, que caiu no início da década de 1920. E, no Reino Unido, o plano de Boris Johnson para uma «Grã-Bretanha Global» baseia-se na nostalgia pelo período em que a Grã-Bretanha era a principal potência mundial — em vez de ser apenas um dos 28 membros de um clube europeu.

O recurso ao nacionalismo nostálgico em todo o mundo é surpreendente. É também algo relativamente novo. Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, até há pouco tempo, os políticos mais bem-sucedidos eram progressistas. Bill Clinton falou da construção de uma «ponte para o século XXI». E David Cameron posicionou-se como modernizador, confortável com a Grã-Bretanha contemporânea. Até a China e a Rússia, antes das eras de Xi Jinping e de Vladimir Putin, pareciam mais interessadas em forjar um novo futuro do que em lembrar glórias passadas ou cismarem com humilhações passadas.

Para compreender o fenómeno do homem-forte, é necessário analisar mais atentamente o que, no mundo moderno, criou um mercado para estas personalidades.

* * *

Durante um breve período na história mundial, a democracia liberal pareceu estar em ascensão e incontestada. Depois da queda do Muro de Berlim, em 1989, as grandes questões económicas e políticas pareciam estar resolvidas. Ao nível da economia, os mercados livres foram a resposta. Ao nível da política, a resposta foi a democracia. Ao nível da geopolítica, os Estados Unidos eram agora a única superpotência. Ao nível da sociedade, o aumento dos direitos das mulheres e das minorias era o caminho evidente. Com todas as grandes questões resolvidas, a governação estava reduzida à «administração do inevitável», como afirmou Thomas Bagger, um intelectual e diplomata alemão²¹.

Mas a ascensão liberal incontestada durou menos de 20 anos. Em 2007, Vladimir Putin já começara a rejeitar abertamente as crenças políticas e estratégicas subjacentes ao internacionalismo liberal. A crise financeira e económica de 2008 minou as premissas económicas na base do consenso liberal. A palavra «neoliberalismo» começou a ser usada — tanto pela esquerda como pela direita — como um termo crítico para descrever os excessos e os erros do modelo económico dominante.

A crise financeira de 2008, aliada à guerra do Iraque e à constante e rápida ascensão da China, também prejudicaram a ideia de que o domínio ocidental se estenderia longamente para o futuro. Quando Xi Jinping subiu ao poder em 2012, tinha-se tornado evidente que a supremacia geopolítica do Ocidente já não podia ser encarada como um dado adquirido. A ideia de que a democracia liberal era a melhor via para a paz social também estava a ser desafiada, à medida que as divisões sociais aumentavam no Ocidente, por entre uma «guerra da cultura» amargamente contestada.

Os homens-fortes descritos neste livro estão, todos eles e de diferentes maneiras, em revolta contra o consenso liberal que reinou depois de 1989. O seu sucesso é um sintoma da crise do liberalismo. Essa crise é multifacetada, mas pode ser dividida em quatro elementos: económico, social, tecnológico e geopolítico.

Num palco em Hong Kong, em 2017, Steve Bannon apresentou a sua explicação para a ascensão de Donald Trump e para a revolta contra a globalização. A ocasião esteve repleta de ironias. Enquanto antigo banqueiro da Goldman Sachs, Bannon lucrara pessoalmente com o «globalismo» que agora estava empenhado em denunciar. Na verdade, estava a receber bom dinheiro para falar a um grupo de banqueiros sediados na Ásia, cuja subsistência dependia da cooperação económica entre os Estados Unidos e a China que Bannon queria dismantelar.

Bannon situa-se na extrema-direita da política ocidental. No entanto, sentado entre o público, fiquei surpreendido com quanta da sua análise se equiparava às opiniões da esquerda. O seu argumento era que as raízes da revolta populista que levaram ao Brexit e à eleição de Donald Trump estavam na crise financeira de 2008. Na opinião de Bannon, o fracasso em punir e prender os banqueiros implicados no colapso financeiro — aliado à subsequente estagnação do nível de vida das pessoas comuns — levava a uma revolta inevitável. Bannon argumentou que havia variantes de direita e de esquerda deste populismo: enquanto Trump e Nigel Farage erguiam a bandeira da direita nos Estados Unidos

e no Reino Unido, Bernie Sanders e Jeremy Corbyn lideravam os populistas de esquerda. No entanto, no Ocidente, pelo menos, eram os populistas de direita que faziam as conquistas políticas.

Nos Estados Unidos e na Europa, os populistas floresceram em áreas esquecidas com elevadas taxas de desemprego, como o norte de França, a cintura industrial dos Estados Unidos (o chamado «Rust Belt»), a Alemanha Oriental e as cidades costeiras pobres da Grã-Bretanha. No entanto, estas condições não se limitam à Europa Ocidental e aos Estados Unidos. Fiona Hill, uma especialista russa, criada no nordeste de Inglaterra, que trabalhou na Casa Branca de Trump, considerava que os fatores que levaram à ascensão de Putin na Rússia eram semelhantes aos que tinham originado apoio ao Brexit e a Trump. A destruição de indústrias tradicionais, das quais dependiam regiões inteiras, criou um anseio por um líder que promettesse trazer de volta a prosperidade e a estabilidade de uma era passada²². Como Fiona Hill escreveu posteriormente: «Putin partilhava a mesma base política de Trump nos Estados Unidos, com queixas semelhantes — mais velho, mais másculo, menos instruído do que outros.»²³ No entanto, embora a economia pós-crise nos ajude a compreender o atrativo dos homens-fortes populistas no Ocidente, não proporciona uma explicação completa. Como se explica, por exemplo, a ascensão de homens-fortes populistas na Ásia, onde o nível de vida aumentou acentuadamente nos últimos anos?

Também na China e na Índia, a economia desempenha um papel. Embora a China tenha tido um enorme aumento da riqueza nacional ao longo dos últimos 40 anos, a transformação económica não criou apenas vencedores, mas também perdedores. Na década de 1990, muitas empresas estatais chinesas que apresentavam prejuízos foram autorizadas a falir — levando a que 30 milhões de trabalhadores perdessem os empregos. Indivíduos que tinham feito parte da elite da classe trabalhadora industrial perderam o seu estatuto na sociedade²⁴. Consequentemente, na China — tal como na Rússia, no Reino Unido e nos Estados Unidos — havia um grupo de trabalhadores mais velhos e menos instruídos suscetível

ao atrativo de um homem-forte que prometia trazer de volta os bons velhos tempos.

Tanto na China como na Índia, os efeitos de deslocação de um período de globalização rápida — incluindo a migração em massa de pessoas e indústrias — aumentaram o atrativo nostálgico de um passado mais estável, homogêneo e centrado na nação. Além disso, o argumento de que a corrupção garantiu que os lucros da globalização fossem, numa esmagadora maioria, para uma elite com ligações é extremamente poderoso em grande parte do mundo em desenvolvimento, levando a exigências de um «homem duro» que possa prender os vigaristas. Assim que tomou posse, Xi Jinping tornou a motivação anticorrupção o seu principal objetivo nacional. De maneira semelhante, a imagem de Narendra Modi de homem comum com origens humildes é essencial para o seu atrativo político, permitindo-lhe afirmar que pode criar novas oportunidades para a classe média frustrada e para as pequenas cidades da Índia.

Muitos dos homens-fortes que emergiram fora do Ocidente aproveitaram as frustrações criadas por Estados fracos que parecem não ter conseguido lidar com a criminalidade de rua e com os elevados níveis de corrupção. Tanto Rodrigo Duterte, nas Filipinas, como Jair Bolsonaro, no Brasil, apelaram às pessoas assustadas com as elevadas taxas de homicídio nas cidades²⁵. Bolsonaro ascendeu ao poder com base numa vaga de indignação pública, depois de escândalos terem revelado corrupção generalizada aos mais altos níveis da política e dos negócios.

Ao rotular toda uma elite como corrupta e oportunista e o sistema como estando «viciado» contra o cidadão comum, os populistas ajudaram a criar a procura de um forasteiro — um homem-forte que pudesse enfrentar as elites globalistas e vigaristas e defender o cidadão comum.

Contudo, a «política do homem-forte» não se prende apenas com economia. É quando as ofensas económicas estão ligadas a temores mais generalizados — como a imigração, a criminalidade ou o declínio da nação — que os homens-fortes realmente têm sucesso.

Muitos líderes deste novo tipo apoiaram-se acima de tudo na migração. Embora a queda do Muro de Berlim tenha sido o epítome da era liberal que se seguiu à Guerra Fria, a era do homem-forte tem sido simbolizada pela exigência de novos muros — o «muro grande e bonito» que Trump prometeu construir na fronteira com o México, o muro construído por Viktor Orbán para impedir que os refugiados sírios entrassem na Hungria, o muro construído pelo governo de Netanyahu para separar Israel dos territórios palestinos.

Para os homens-fortes populistas, alguns migrantes são claramente menos bem-vindos do que outros. Uma das primeiras medidas de Trump enquanto presidente foi tentar, sem sucesso, impedir que todos os muçulmanos entrassem no país. Na verdade, o populismo nacionalista tem uma forte veia de islamofobia tanto no Ocidente quanto na Ásia. Para a extrema-direita americana e europeia, os imigrantes muçulmanos representam uma ameaça à sobrevivência da civilização «judaico-cristã».

As minorias muçulmanas também são um alvo preferencial dos homens-fortes da Ásia. Na China, o governo de Xi Jinping foi pioneiro num esforço extraordinário e sinistro de «reeducar» os muçulmanos de Xinjiang, que são acusados de separatismo e de apoio ao terrorismo. Mais de um milhão de muçulmanos foram enviados para campos de reeducação que, segundo algumas pessoas, representam a maior prisão em massa desde a Segunda Guerra Mundial. Tanto os governos de Trump como de Biden chegaram ao ponto de caracterizar o tratamento dos uigures como «genocídio»²⁶.

O sentimento antimuçulmano é essencial para o atrativo político de Narendra Modi, e é subjacente a algumas das medidas mais controversas tomadas pelo primeiro-ministro indiano. Em 2019, Modi aboliu o estatuto especial dos estados de Jammu e de Caxemira, maioritariamente muçulmanos, tendo a medida sido acompanhada de prisões em massa, recolher obrigatório e encerramento da Internet. Modi também ameaçou expulsar ou prender centenas de milhares de muçulmanos no estado de Assão, acusando-os de serem imigrantes ilegais.

É frequente os homens-fortes utilizarem o medo enraizado de que a maioria dominante será deslocada, sofrendo enormes perdas culturais e económicas. A teoria da conspiração de que os muçulmanos estão a planear dominar o Ocidente tem sido promovida por autores como o francês Renaud Camus, cujo livro *Le Grand Remplacement* se tornou um texto preferido da extrema-direita. Na Hungria, Viktor Orbán afirmou que a migração em massa é uma ameaça à própria sobrevivência do povo húngaro. Em Israel, Benjamin Netanyahu aprovou legislação que define Israel como um Estado judaico, em parte como resposta a uma suposta ameaça demográfica por parte da minoria árabe.

Nos Estados Unidos, a perspectiva de a atual maioria branca se vir a tornar uma minoria até 2045 ajudou a fomentar os medos sociais e raciais que impulsionaram a ascensão de Donald Trump. Os cientistas sociais constataram que a ansiedade em relação à mudança racial e demográfica era um forte preditor do apoio a Trump. Atualmente, alguns observadores atentos chegam mesmo a questionar se a própria democracia pode aguentar a pressão de rivalidades raciais e competição entre grupos. Como Barack Obama afirmou em 2020: «A América é a primeira experiência real de criação de uma grande democracia multiétnica e multicultural. E ainda não sabemos se isso pode resultar...»²⁷

As provas dadas por outras grandes democracias multiétnicas e multiculturais, como o Brasil e a Índia, não são especialmente encorajadoras. No Brasil, o censo de 2010 revelou que, pela primeira vez, o número de brasileiros brancos é inferior ao de compatriotas negros e mestiços. O discurso político da extrema-direita brasileira é remanescente dos argumentos utilizados pelos apoiantes de Trump. É frequente os apoiantes de Bolsonaro afirmarem que a esquerda ganhara poder de maneira ilegítima, ao comprar os votos de minorias raciais através de pagamentos sociais ou de corrupção direta.

O medo de perder o estatuto de maioria parece muito menos racional no caso dos hindus indianos, que são perto de 80 por cento da população do país. Mas isso não impediu figuras de proa do BJP de Modi de fazerem campanha contra a chamada «jihad

do amor» — uma suposta conspiração dos muçulmanos para casarem com mulheres hindus e diluírem a pureza da nação. Cinco estados governados pelo BJP aprovaram ou consideraram aprovar leis contra a «jihad do amor»²⁸.

O autoritarismo não constitui uma proteção contra estes medos e tensões étnicos. Na China, cerca de 92 por cento da população são de etnia han. No entanto, a era de Xi Jinping tem-se caracterizado por paranoia e intolerância crescentes em relação às minorias raciais e étnicas. Chen Quanguo, o funcionário do Partido Comunista responsável pela repressão em Xinjiang, desenvolvera anteriormente as suas táticas de assimilação forçada no Tibete.

A predisposição para «ser duro» com grupos que não são populares — estrangeiros, migrantes, muçulmanos — é intrínseca ao atrativo dos homens-fortes. A sua postura machista também aumenta a probabilidade de apelarem a ideias tradicionais de força masculina e de desprezarem o feminismo e os direitos LGBT. Numa altura em que os costumes sociais estão a mudar rapidamente — e não apenas no Ocidente —, este apelo aos valores sociais tradicionais é uma arma potente e talvez subestimada do arsenal dos novos autoritários. Em países tão diferentes como os Estados Unidos, a Rússia, o Brasil, a Itália e a Índia, há uma grande parcela de homens descontentes (e algumas mulheres tradicionalistas) que parecem sentir entusiasmo por um homem-forte antiquado²⁹.

Em que medida o género é uma linha divisória entre os homens-fortes populistas e os seus adversários liberais tornou-se evidente nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos. Muitos dos apoiantes de Trump temeram que o seu candidato pudesse ficar fatalmente ferido quando foi divulgada uma gravação em que ele se gabava de agarrar as mulheres «pela rata». No entanto, a controvérsia não impediu a vitória de Trump, com homens a votarem desproporcionalmente mais em Trump do que em Hillary Clinton. O medo de terem uma mulher como presidente pode ter sido um fator mais poderoso nas eleições de 2016 do que a repugnância em relação a um homem que agarra as mulheres «pela rata».

Um retrato global do novo nacionalismo que alerta para a ameaça que os homens-fortes representam para a democracia liberal.

Vivemos numa nova era, em que líderes nacionalistas se tornaram um elemento central da política global, surgindo não apenas em regimes políticos autoritários, mas também no coração da democracia liberal. São homens-fortes populistas e conservadores, com pouca tolerância para minorias, dissidentes e imigrantes, que incentivam o culto da personalidade e o desprezo pelo liberalismo e pelas instituições do Estado.

O Brexit e a eleição de Donald Trump em 2016 constituem um marco decisivo neste novo nacionalismo, mas esta era teve início no começo do milénio, quando Vladimir Putin assumiu o poder na Rússia. Desde então, homens-fortes ascenderam ao poder em capitais tão diversas como Pequim, Budapeste, Brasília e Washington.

Analisando o percurso de líderes como Donald Trump, Vladimir Putin, Boris Johnson e Jair Bolsonaro, Gideon Rachman, jornalista do *Financial Times* que entrevistou muitos homens-fortes, procura responder a três perguntas centrais: Quando é que a tendência do homem-forte ganhou tração? Quais são as suas principais características? E por que motivo aconteceu?

«Gideon Rachman combina o olhar perspicaz de jornalista com uma análise contundente dos fatores que permitiram aos homens-fortes alcançar o poder e mantê-lo.»

The Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Temas Atuais

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896237295



9 789896 237295 >